

## *ESTUDANDO HISTÓRIA* EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE DIVULGAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

### *STUDYING HISTORY* IN TIMES OF PANDEMIC: AN EXPERIENCE OF DISSEMINATION ON DIGITAL PLATFORMS

Bruna Morrana dos Santos Cavalcante<sup>1</sup>

**Resumo:** O contexto de crise engendrado pela pandemia do SARS-CoV-2, também fez com que os historiadores repensassem o seu próprio ofício e buscassem outros lugares de produção do saber histórico que, na contemporaneidade, não mais se restringem às universidades, aos museus e às consultorias históricas. Esse trabalho se situa no limiar entre os campos historiográficos da História Pública e da História do Tempo Presente, e tem como objetivo principal mostrar como páginas criadas em redes sociais populares como, o *Instagram* e o *YouTube*, têm disseminado o conhecimento histórico de maneira gratuita e contribuído para promover um espaço democrático para a troca de experiências e conhecimento entre historiadores acadêmicos e professores.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Redes Sociais; Divulgação científica.

**Abstract:** The context of crisis caused by the SARS-CoV-2 pandemic has also led historians to rethink their own profession and seek other places for the production of historical knowledge, which in contemporary times are no longer restricted to universities, museums, and historical consultancies. This work is situated on the threshold between the historiographic fields of Public History and History of the Present, and its main objective is to show how pages created on popular social networks such as Instagram and YouTube have disseminated historical knowledge for free and contributed to promoting a democratic space for the exchange of experiences and knowledge among academic historians and professors.

**Keywords:** Teaching History; Social Networks; Scientific dissemination.

---

<sup>1</sup> Mestra em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS), Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB), Professora de História na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEDUC/SE), Lattes (<http://lattes.cnpq.br/6200780716682195>), Orcid (<https://orcid.org/0000-0003-4765-5648>). E-mail: [bmorrana@gmail.com](mailto:bmorrana@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A História Pública, campo historiográfico ou um fluido subcampo, assim como definiu Jurandir Malerba (2014), tem cada vez ganhado mais adeptos ao redor do mundo. Os pioneiros historiadores públicos nos EUA defendiam que, em oposição ao historiador acadêmico, emergiria um novo historiador que se transformaria em *persona pública*, extrapolaria os muros das universidades e teria um leque de atuação mais amplo. Isso nos mostra que, a gênese da História Pública estava diretamente ligada ao contexto de crise laboral que afetava os historiadores acadêmicos nos Estados Unidos.

Thomas Cauvin, professor da Universidade de Luxemburgo e autor do livro *Public History: a textbook of practice* (2016), escreveu sobre o desenvolvimento da História Pública e fez uma reflexão sobre o processo de internacionalização desse campo, que segundo ele, tomou feições distintas em dois momentos: nos anos 1980 e na década de 2010. Foi no primeiro processo que se deu a difusão da abordagem estadunidense, já que foi na América do Norte que Robert Kelley criou a expressão “*Public History*”. De acordo com Cauvin, a História Pública se baseia em três ênfases: “a comunicação da história a audiências não acadêmicas, a participação pública e a aplicação da metodologia histórica a situações do presente.” (CAUVIN, 2019, pp. 8-28)

A partir dos anos 2000, a mais recente internacionalização parece ter logrado êxito, muito em função da revalorização do papel dos historiadores. Estes têm produzido suas narrativas históricas seguindo diferentes caminhos dentro da História Pública. Um passo decisivo para a internacionalização da História Pública, foi a criação da *International Federation for Public History* (IFPH) em 2010. Segundo Thomas Cauvin, essa instituição “has tried to connect historians with each other, and has encouraged conversation about new courses and programs in public and applied history all around the world.”<sup>2</sup> (CAUVIN, 2018, p. 42). Nessa década, o processo foi mais estruturado e menos controlado por historiadores da América do Norte.

No Brasil, a noção de História Pública tem encontrado recepção nos últimos anos e uma prova disso, foi a criação em 2012 da Rede Brasileira de História Pública (RBHP), que passou a congrega os diversos praticantes e a organizar simpósios. Apesar da barreira linguística, já que em grande parte da literatura ainda predominam as produções em inglês, atualmente, a História Pública pode ser considerada mais internacional do que antes. Mesmo sem uma definição estrita do que é História Pública, o caso da Itália e de tantos outros evidenciam que a sua internacionalização depende dos contextos nacionais específicos.

---

<sup>2</sup> “Tentou conectar historiadores entre si e encorajou conversas sobre novos cursos e programas em história pública e aplicada em todo o mundo.”

Se na emergência do movimento da História Pública as discussões sobre o papel do historiador estiveram em voga, o contexto de crise engendrado pela pandemia do SARS-CoV-2, também fez com que os historiadores repensassem o seu próprio ofício e buscassem outros lugares de produção do saber histórico, que na contemporaneidade não mais se restringem às universidades, aos museus e às consultorias históricas.

Segundo Ana Paula Teixeira e Bruno Leal (2019), o “triunfo da História” constatado por Jacques Le Goff nos anos 1980, ainda persiste no século XXI e tem se convertido em diversos produtos históricos que, por sua vez, são consumidos no meio social. Da mesma forma que antes, a demanda social continua sendo pela História e não pelo historiador. Por isso, não é exagero dizer que estamos há algum tempo, em decorrência dessa demanda, vivenciando a abertura exitosa de uma porta maior para a produção e disseminação do conhecimento histórico para públicos ampliados, e em diversos suportes como *websites*, perfis nas redes sociais, revistas, programas televisivos e minisséries, que no Brasil fazem sucesso e têm uma boa audiência.

Porém, se engana quem acha que atualmente o historiador é referência entre o público interessado em temas históricos. São poucos os historiadores que se dedicam a divulgar o resultado das suas pesquisas para o grande público e no Brasil, é através da *Internet* que os jornalistas têm aumentado a sua influência no que diz respeito aos temas e discussões históricas circulantes, principalmente porque essa categoria detém os recursos necessários para atingir o público leigo. Os autores lançaram duas hipóteses que explicam o porquê de os historiadores não serem os protagonistas na divulgação de História.

Em primeiro lugar, não houve um grande projeto de longo prazo que priorizasse a divulgação para o grande público por parte da academia. Enquanto os profissionais das outras áreas cuidavam disso, os historiadores estavam mais preocupados em usar uma linguagem “empolada” para distinguir o seu trabalho do de outras categorias, como a os jornalistas, por exemplo. Isso quer dizer que, trabalhos acadêmicos escritos apenas com o objetivo de alcançar os pares e não um público mais amplo, acabaram parados nas prateleiras das bibliotecas universitárias. A segunda hipótese está relacionada aos impactos do paradigma digital no meio historiográfico, e que provocaram transformações na maneira de se enxergar os conceitos de credibilidade e autoridade.

O fato é que o historiador não detém o monopólio da fala e a sua voz tem tido pouco alcance social. Sendo assim, o objetivo desse artigo é mostrar como páginas criadas na *Internet* (em especial, as redes sociais) têm disseminado conhecimento histórico de maneira gratuita e contribuído para promover um espaço democrático para a troca de experiências e conhecimento entre historiadores e professores. Além do mais, a ideia é ampliar o público e criar uma comunidade que se interessa por História, a partir da divulgação de conteúdos que contemplam uma linguagem simples e objetiva.

E é interessante pontuar que, a quantidade de “professores-*Youtubers*” cada vez mais cresce na nossa disciplina, chegando alguns a alcançar, inclusive, milhares de seguidores e um público assíduo, como é o caso do canal *Leitura ObrigaHistória* que conta com 349 mil inscrições. A tecnologia também representa uma nova oportunidade profissional para os professores, já que muitos deles não estão inseridos no mercado de trabalho exercendo a profissão nas escolas, e acabaram fazendo do ambiente virtual a sua sala de aula. Muitos podem não saber, mas as visualizações diárias, semanais e mensais podem render ao criador de conteúdo um retorno financeiro, além da visibilidade que o profissional pode alcançar ao divulgar a sua imagem na *Internet*.

Concordamos com Malerba quando ele afirma que os “historiadores “públicos” devem estar sempre precavidos de sua audiência e, certamente, sempre desejarão, desde o início de uma ideia ou projeto, alcançar um público cada vez maior de espectadores ou leitores de modo a facultar acesso ao passado ao grande público” (MALERBA, 2014, p. 30). Depois de alguns meses de experiência, observou-se que, o perfil da audiência do canal do *Youtube*, do perfil no Instagram e da página do Facebook reúne historiadores acadêmicos, professores de História da educação básica, graduandos em História e, em sua maioria, estudantes do Ensino Médio que usam a *Internet* como uma ferramenta a mais durante a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Ademais, a elaboração desse projeto audiovisual também se insere no contexto de expansão do uso das novas tecnologias da informação e comunicação no ensino de História. É claro que isso não é um fato inédito, pois a utilização do cinema, rádio e televisão nas aulas de História ganhou mais terreno e adeptos a partir da década de 1990. Ademais, o nosso convívio com as novas tecnologias é recente, embora seja fácil reconhecer que hoje temos acesso a uma quantidade muito superior de ferramentas e recursos ligados ao uso da grande rede. Compactuamos com a ideia do historiador Dilton Maynard quando este afirma que, “para aventurar-se pela História do Tempo Presente, o pesquisador não necessita ser uma espécie de maestro de computadores, um autômato insensível aos seus dias e aos acontecimentos.” (MAYNARD, 2016, p. 104)

Metodologicamente falando, o objetivo é construir aulas presenciais ou remotas de História mais dinâmicas e interativas. Defendemos também a ideia de que, as videoaulas e os perfis nas redes sociais são ferramentas que contribuem ativamente para a produção do conhecimento histórico e que acabam facilitando o processo do ensino de História. Mas, não devemos nos esquecer de que, estes também são espaços de construção de uma determinada versão da História a qual pode influenciar na maneira como o público pode reagir aos *posts* e, em decorrência disso, interpretar este ou aquele tema histórico. Em suma, o uso das redes sociais tem transformado as pessoas em “especialistas *de Internet*”, o que traz sérios riscos a aprendizagem histórica, porque se antes as discussões ficavam

restritas aos especialistas e acadêmicos, notadamente os professores, hoje por causa da velocidade em que as informações circulam, a repercussão é bem maior e incita mais debates.

#### A EXPERIÊNCIA DO HISTORIADOR-DIVULGADOR NO INSTAGRAM

O interesse em criar um canal de divulgação dos conteúdos sobre história resultou no perfil *@estudando.historia*, idealizado no ano de 2019 pela professora Bruna Morrana dos Santos Cavalcante, na época doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB) e professora efetiva da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura do Estado de Sergipe (SEDUC/SE). Antes do lançamento para o grande público, pensou-se primeiro na identidade visual que definiria aquele espaço virtual, bem como o nome que seria utilizado. A divulgação *on-line* da nova página foi feita por alunos e professores de História que compartilharam o *link* no próprio Instagram, em perfis do Facebook e no mais conhecido aplicativo de mensagens instantâneas, o *WhatsApp*. Aquele (a) que passa a seguir a conta vai encontrar referências de livros, dicas de filmes, mapas mentais e videoaulas que possuem temáticas relacionadas ao conhecimento histórico. Até o momento, o perfil conta mais de uma centena de publicações e aproximadamente 1.270 seguidores.

Algumas postagens publicadas no perfil, não são previamente programadas e estão relacionadas aos acontecimentos que vão se sobrepondo cotidianamente e que, rapidamente, se transformam em históricos. Essa é a contradição do nosso milênio: um tempo acelerado que impede o transcorrer do presente e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante. É sabido que na sociedade contemporânea midiaticizada e sem espaços vazios, o historiador tem um papel importante na produção do acontecimento e “não adianta o historiador deslocar-se para escapar da sua própria contemporaneidade, está o pega sem que ele saiba exatamente onde e quando.” (ROUSSO, 2016, p. 249). Sendo assim, essa página no Instagram também acaba buscando uma audiência no conjunto dos temas relacionados à história do tempo presente.

A título de exemplo, no mês de maio de 2020 quando George Floyd, um homem afro-americano foi morto pelo policial Derek Chauvin e o movimento “*Black Lives Matter*” ganhou força no mundo todo, foi feita uma postagem indicando a leitura da obra *A Terceira Vida de Grange Coopeland*, escrita pela ativista norte-americana Alice Walker e publicada originalmente em 1970. Neste romance, as principais temáticas abordadas são: a modalidade da parceria rural, a conquista da educação como recurso de emancipação para o negro e a questão dos direitos civis. Alice Walker é conhecida mundialmente por publicar obras que contemplam o entendimento do passado e das mazelas da comunidade negra norte-americana.

A ideia foi mostrar ao público que acompanha a página, a importância de ter contato com obras que trazem no bojo da narrativa, uma reflexão sobre o racismo não só nos Estados Unidos, mas

como no Brasil também, e a partir delas discutir esse tema de maneira crítica, seja na academia ou no ambiente escolar. De certa maneira, o professor acaba sendo o mediador “de discussões e memórias na sala de aula, além de possíveis formas de combate ao racismo tendo como foco a igualdade e tolerância.” (SOUZA, 2016, p. 4)

**Figura 1** – Indicação da obra “A Terceira Vida de Grange Coopeland”



**Fonte:** Página do perfil Estudando História no Instagram

Em meados de novembro de 2020, durante o processo eleitoral que elegeu o novo presidente dos Estados Unidos, foi compartilhada uma imagem que indicava aos seguidores a obra *Como as Democracias morrem* (2018), escrita pelos professores de Harvard, Steve Levitsky e Daniel Ziblatt. Esses dois pesquisadores têm se dedicado a estudar as crises da democracia ao redor do mundo, sendo que, o enfoque de Ziblatt recai sobre a Europa, enquanto Levitsky é um estudioso da política latino-americana. Ele acredita que grande parte da crise democrática nos Estados Unidos hoje é provocada pela extrema polarização que é, sobretudo, fruto das diferenças raciais e religiosas neste país. Além disso, é categórico ao afirmar que, quando o racismo permeia o Estado, a democracia começa a diminuir.

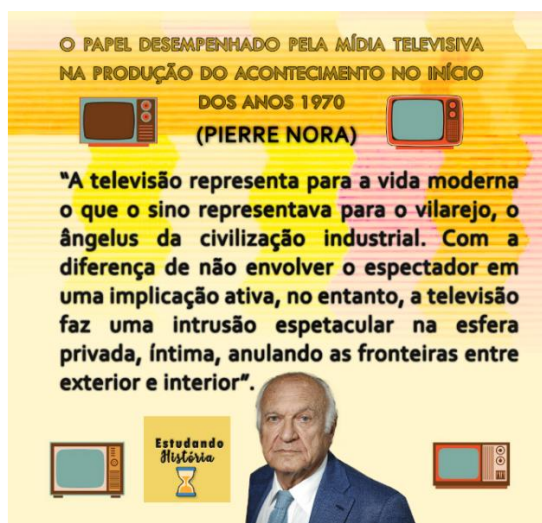
Figura 2 – Indicação da obra “Como as democracias morrem”



Fonte: Página do perfil Estudando História no Instagram

As postagens de mapas digitais, elaborados especialmente para a página, representam um meio de divulgar o conhecimento histórico e de discutir com os seguidores sobre obras e textos considerados fundamentais para o campo da história do tempo presente. Assim aconteceu com um artigo do francês Pierre Nora, autor da consagrada obra “*Les lieux de mémoire*”. Em síntese, no texto Nora explicou que vivemos num presente em que a memória não existe mais e esse é um problema. Sendo assim, tal particularidade do atual momento histórico impulsionou o interesse em consagrar lugares portadores de memória. O projeto intelectual desse historiador de resgate da memória e da identidade nacional, acompanhou a onda memorial que se espalhou na França a partir dos anos 1970.

Esse mundo contemporâneo embebido de “presentismo”, cada vez mais reforçado pela mídia, viu a “nossa memória” desmoronar. É tempo de mudanças, onde a unidade do tempo histórico não é a mesma, isto é, a linearidade observada antes não existe e, agora, é invertida pela incerteza que o futuro cria para o presente. Isso se deu por causa da aceleração da história, que é a distância entre a memória verdadeira das sociedades primitivas e a história, pois “não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história.” (NORA, 1993, p. 1993). Com o intuito de explicar a importância dos meios de comunicação na produção do acontecimento nos anos 1970, foi elaborada uma montagem com uma pequena citação do autor trabalhado naquela postagem:

**Figura 3** – Postagem sobre Pierre Nora

**Fonte:** Página do perfil Estudando História no Instagram

A apresentação visual do conteúdo dessa postagem foi pensada com a finalidade de que o público refletisse sobre as transformações do passado, embora a televisão ainda seja um meio de comunicação em massa, e que também trouxesse essa discussão para o papel que a mídia, em especial, as redes sociais desempenham na construção do acontecimento nos dias de hoje. O alcance desses veículos de informação é enorme, porque existem diversas estratégias para aumentar o público, mas quando são apelativas acabam disseminando *Fake News*.

A partir das eleições presidenciais norte-americanas ocorridas em 2016, esse termo em inglês se tornou expressão corrente do nosso vocabulário. Evocamos as ideias da estudiosa argentina Beatriz Sarlo (2005), quando esta afirma que existe uma “taquigrafia da política”, ou seja, podemos reconhecer a política a partir dos lemas (sejam eles ideologicamente qualificados ou hipócritas) e gestos cheios de significados, espalhados atualmente nas redes sociais. Apesar de serem “armas” para defender ou atacar, as frases utilizadas atualmente pelos políticos são descartáveis, isto é, se fazem sucesso continuam sendo pronunciadas, senão, logo serão substituídas.

Nesse sentido, ao trazer textos e obras de referência da historiografia, o perfil do Instagram acaba se tornando um espaço virtual de discussão e uma rede de colaboração que conecta os historiadores acadêmicos e os professores da educação básica. Uma prova disso é que, a existência da página @*estudando.historia* possibilita também a divulgação científica da nossa disciplina, já que pesquisadores enviam materiais de divulgação de cursos, eventos *on-line* e *links* que nos levam a postagens de outros perfis. De certa forma, é uma maneira de saber o que está acontecendo nas Universidades e em outros lugares de produção do conhecimento. Além das postagens no *Feed*, alguns vídeos do canal no *Youtube* são disponibilizados no IGTV, aplicativo de vídeos do Instagram

que também se configura como um recurso interessante. Juntos, os 17 vídeos do IGTV somam 1.710 visualizações.

## ENSINAR HISTÓRIA ATRAVÉS DE OUTRAS REDES SOCIAIS

No entender de Beatriz Sarlo, vivemos uma crise educacional mundial que é motivada em grande parte pelo vazio de significados que afetam tanto os estudantes, quanto os professores. Atualmente, “a escola é, para os adolescentes, o lugar da pobreza simbólica porque é um espaço não exclusivo nem hegemonicamente *mass-midiático*. Por isso, tem dificuldade de articular novas sínteses culturais” (SARLO, 2005, p. 101). Gramsciana, ela defende uma educação humanística onde a igualdade de oportunidades culturais compensaria as desigualdades sociais. Além disso, por ser uma formação mais “completa”, não estaria sujeita à obsolescência do conhecimento que se tem sobre a informática, por exemplo. A escola deveria ensinar a aprender e lá, os alunos aprenderiam a pensar.

E nesses tempos de crise, a tarefa dos docentes tornou-se ainda mais difícil: continuar o processo de ensino-aprendizagem em meio à pandemia e produzir aulas remotas que consigam atrair a atenção de jovens tão imersos em uma cultura visual midiática. É claro que professores e alunos tiveram que adaptar-se à nova realidade de aulas não-presenciais, e essa “falta de sentido” em relação ao modelo educacional, ficou mais evidente com o distanciamento necessário do ambiente escolar.

Parece óbvio afirmar que qualquer aluno nosso nascido no século XXI, seja um *digital born* (nativo digital), que tenha acesso à *Internet* ou na melhor das hipóteses, que saiba utilizá-la de maneira positiva. Porém, na prática, sabemos que o cenário não é tão satisfatório quanto se deseja, pois muitos deles ainda não têm condições de utilizar o ciberespaço pela falta de equipamentos (computador ou celular), ao mesmo tempo em que existe uma grande parcela de usuários assíduos das famosas redes sociais virtuais para entretenimento, mas que não reconhecem como essas plataformas podem auxiliá-los nos estudos. De acordo com a pesquisa divulgada em 2019 pelo TIC Kids Online Brasil 2018, cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes com idade entre 09 e 17 anos, são usuários de *Internet* no Brasil, o que corresponde a 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país.<sup>3</sup>

Um outro problema que quase não é levado em consideração pelos alunos, é a falta de confiabilidade das informações disponíveis na grande rede e o jovem, enquanto agente que está buscando o conhecimento histórico, precisa filtrar bem os conteúdos de origem duvidosa e, portanto, evitar cair nas armadilhas do “des” ensino de história, em especial, da história do tempo presente.

---

<sup>3</sup> Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. TIC Kids Online Brasil 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-utilizando-internet>> Acesso em 15/11/2020.

Apesar disso, o *Youtube* continua sendo uma dos *sites* mais acessíveis aos adolescentes e esse foi um fator determinante para a criação do canal.

Então, para tentar reduzir os efeitos negativos da suspensão do ensino presencial, em virtude da pandemia de SARS-Cov-2, decidiu-se reativar um canal que existia desde 2011 na plataforma *Youtube*, com a finalidade de que esse espaço virtual se transformasse num meio de complementar os estudos dos estudantes do ensino fundamental e médio. No entanto, dentre os problemas enfrentados, um dos mais difíceis de vencer foi o da comunicação, visto que o historiador/professor de História precisa de uma linguagem acessível para atingir o público que deseja.

Além disso, existe toda uma organização que vai desde a preparação do roteiro, do cronograma até a edição dos vídeos, para que a narrativa da aula transcorresse de maneira fluida e menos enfadonha para o expectador. Durante a elaboração dos roteiros, foram utilizados livros didáticos de História e livros acadêmicos que deram um suporte teórico ao docente. Geralmente, as videoaulas eram gravadas na semana anterior das aulas programadas para uma determinada turma, sendo disponibilizadas, a posteriori, de maneira assíncrona aos estudantes e, num segundo caso, a gravação era feita durante a realização da aula.

No entanto, é preciso deixar claro que, antes de divulgar as gravações das aulas nas redes sociais, tomava-se precauções com a edição do vídeo, buscando sempre garantir a segurança e a privacidade dos alunos que estavam assistindo à aula. Dessa forma, não foi feito nenhum tipo de divulgação da imagem, seja por meio de informações pessoais, seja por vídeos ou fotos. Por fim, depois de gravados e editados, os vídeos foram compartilhados no *YouTube*. Atualmente, o canal “*Bruna Morrana*”, criado em 2011 e lançado em abril de 2020, conta com 663 inscrições, 77 vídeos e 25.998 visualizações.

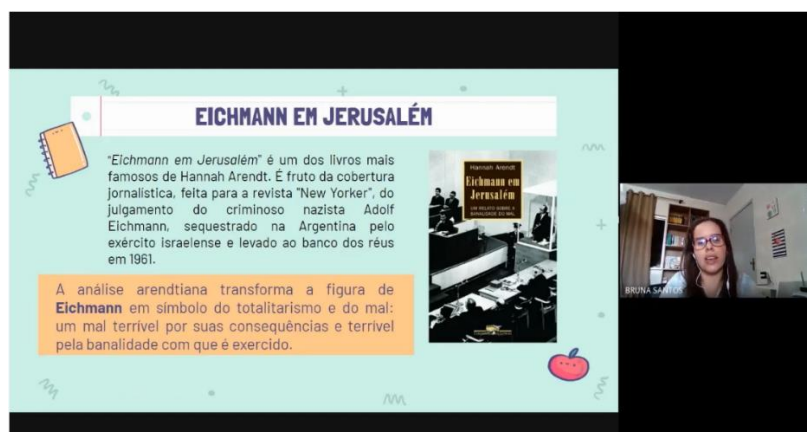
O historiador que defende e se dedica aos estudos do passado recente enfrenta diariamente o desafio de lidar com as demandas sociais, pois existe aquela sensação de estar diante de uma “história que não passou”. Isso acontece, principalmente, quando tratamos de eventos traumáticos recentes como o Holocausto e a ditadura civil-militar no Brasil, e que ao longo da segunda metade do século XX, se tornaram objetos prioritários de investigação. Segundo Vanessa Domingues,

A matança indígena, a escravidão, o racismo, a sociedade patriarcal, o machismo, a homofobia, o neocolonialismo, o nazifascismo, as torturas e mortes orquestradas pelos agentes do Estado durante a ditadura civil-militar no Brasil, e todas as demais temáticas no campo dos direitos humanos, assim como as experiências socialistas, o nazifascismo, são temas que geram “polêmicas” em publicações, seja no *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* ou *WhatsApp*, expandindo-se do virtual ao real. (DOMINGUES, 2018, p. 1)

Entendendo que a *Internet* é um espaço de construção de narrativas sobre a história do tempo presente, foi publicada no dia 08 de novembro de 2020, uma videoaula sobre o “*Totalitarismo em*

*Hannah Arendt*”, que foi ministrada aos alunos da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Almirante Barroso (Muribeca/SE) de maneira síncrona através da plataforma Google Meet. Durante a explanação, foram abordados conceitos importantes para a autora como o de totalitarismo, de banalidade do mal e a relação destes com o Holocausto. A escolha desse tema se insere nesse cenário das discussões existentes no âmbito da história do tempo presente, já que no contexto atual, estamos expostos cotidianamente a uma “avalanche” de abordagens sobre memória, trauma e esquecimento nos telejornais, *sites* de notícias, revistas impressas ou *on-line*, etc.

**Figura 4** – Captura de tela da videoaula sobre Hannah Arendt



**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=\\_76CBzodGf4&t=179s](https://www.youtube.com/watch?v=_76CBzodGf4&t=179s)

Depois de alguns meses, foi criada uma *playlist* do canal com o objetivo de publicar vídeos destinados a apresentar obras de autores nacionais e estrangeiros e que versam sobre variados temas históricos. Seguindo na esteira do totalitarismo mencionado no parágrafo anterior, foi publicada em 27 de junho de 2020, uma resenha do romance *Todos os nossos ontens* (1952), de Natalia Ginzburg, figura conhecida dentre os integrantes da chamada literatura neorrealista italiana do pós-guerra.

Através de uma ficção familiar, a autora consegue perscrutar um contexto mais amplo de ascensão do fascismo na Itália e de início da Segunda Guerra Mundial. Além disso, a narrativa construída sob um tom memorialístico revela ao leitor traços da própria biografia de Ginzburg, principalmente pelo fato de sua família ser formada por judeus antifascistas que lutaram ativamente contra Mussolini. Embora existam alguns problemas enfrentados por aqueles que se dispõem a ser um historiador (a) do tempo presente, estas são duas das singularidades que tornam viável a HTP: a copresença de seus atores e o diálogo com outras áreas do conhecimento. Apesar de *Todos os nossos ontens* ser uma obra literária que pode ser lida e trabalhada por professores de História em geral, essa aproximação entre História e literatura ainda provoca discussões entre os historiadores acadêmicos.

Finalmente, para encerrar nosso percurso pelo uso das redes sociais no ensino e na divulgação histórica, é relevante citar também, o trabalho feito na página do Facebook *Ensinar História*, que está em atividade desde 31 de agosto de 2013 e que atualmente, conta com 9.900 curtidas e 10.000

seguidores. Antes da popularização do Instagram, alunos e professores já utilizavam diariamente o Facebook, aplicativo que se tornou ferramenta pedagógica e outro aliado na hora de planejar aulas e promover atividades novas que se aproximassem da realidade dos educandos. Esse ambiente virtual destina-se principalmente à divulgação de notícias relacionadas à prática histórica e materiais didáticos que possam ser utilizados por professores de História que atuam na educação básica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de novas tecnologias, a utilização das redes sociais tem cada vez mais garantido um espaço no planejamento dos docentes. Isso não quer dizer que todos os professores precisam se tornar *experts* no assunto, mas é importante ter em mente que, nessa era digital a criação de ambientes virtuais de aprendizagem contribui proporcionar a publicação de diversos tipos de conteúdos e atividades, bem como incentivar a construção de um ambiente *on-line* interativo, onde alunos e professores conversam e debatem pelas páginas ou *chats*.

Para além dos desafios que se apresentam ao ensino de história nesse contexto de ampliação do uso de ambientes digitais, também devemos assinalar a emergência e atuação do historiador público, que ao transpor as fronteiras dos lugares “tradicionais” de produção do saber, transmitem o conhecimento histórico a um público mais amplo. A demanda pública crescente por história nos leva a refletir sobre o nosso ofício e de que maneira a *Internet* pode ser uma alternativa para enfrentar a crise laboral pós-pandemia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 11, n. 23, maio/ago. 2019, p. 8-28. Disponível em: <<http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/654>. >

\_\_\_\_\_. What Public History do we want? Views from Germany. **The Public Historian**. v. 40, n. 04, November 2018, p. 42. Disponível em: <<https://online.ucpress.edu/tph/article/40/4/42/110230/What-Public-History-Do-We-Want-Views-from-Germany?searchresult=1>.>

DOMINGUES, Vanessa dos Reis. **Ensino de História do tempo presente na era das redes sociais**. Orientador: Temistocles Américo Correa Cezar. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History*. *História da Historiografia, Ouro Preto*, n. 15, agosto de 2014, p. 30. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>>. Acesso em 17 ago. 2020.

MAYNARD, Dilton. Passado eletrônico: notas sobre a História Digital. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 09, n. 2, jul./dez. 2016, p. 103-116. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/726>>

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, v. 10, 1993, p. 9. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>

PASTOR, Bruno Leal; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e voz, 2019, p. 9-21.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. A história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016, p. 249.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 93-118 e p.147-173.

SOUZA, Natália Lopes. **O papel do historiador nas disputas em sala de aula em relação ao racismo**: o caso João XXIII. Orientador: Anderson Ferrari. 2016. 21 f. Artigo (Licenciatura em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

WALKER, Alice. **A terceira vida de Grange Coopeland**. Tradução Carolina Simmer, Marina Vargas. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.